

AS TEOFANIAS NO SANTUÁRIO: UMA LEITURA ECOLÓGICA À LUZ DA TEOLOGIA BÍBLICA

THEOPHANIES IN THE SANCTUARY: AN ECOLOGICAL READING IN THE LIGHT OF BIBLICAL THEOLOGY

Kalil CHAABAN, Graduado em Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo; Graduado em História pela Universidade da Cidade de São Paulo; Mestre em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu; Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Internacional UNINTER; Pós-Graduando em Cultura Judaica Cristã História e Teologia no Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ-SP) em parceria com a Faculdade de São Bento.*

Resumo

O presente artigo analisa as teofanias associadas ao Tabernáculo descritas em Êxodo 25-40, interpretando-as à luz da teologia bíblica e de uma hermenêutica ecológica das Escrituras. A narrativa do Êxodo apresenta manifestação da presença divina por meio de símbolos como a nuvem, o fogo e a Glória do Senhor que repousa sobre a Tenda da Reunião. Tais elementos expressam a convicção teológica de que Deus escolhe habitar no meio de seu povo, acompanhando-o na travessia do deserto. O estudo adota metodologia qualitativa de caráter bibliográfico, articulando a análise histórico-crítica do texto bíblico com a perspectiva da leitura ecológica da Bíblia. Em diálogo com a Encíclica *Laudato Si* e a Doutrina Social da Igreja, se destaca que a criação participa da manifestação divina e constitui espaço de encontro entre Deus, humanidade e natureza. Conclui-se que as teofanias do Tabernáculo podem ser compreendidas como expressão de uma teologia da criação integrada, na qual a presença divina se manifesta no interior do mundo criado.

Palavras-chave: Êxodo. Teofania. Tabernáculo. Hermenêutica Ecológica. Teologia da Criação.

Abstract

This article analyzes the theophanies associated with the Tabernacle described in Exodus 25-40, interpreting them in the light of biblical theology and an ecological hermeneutics of Scripture. The Exodus narrative presents a manifestation of the divine presence through symbols such as the cloud, the fire, and the Glory of the Lord resting upon the Tent of Meeting. These elements express the theological conviction that God chooses to dwell in the midst of his people, accompanying them on their journey through the desert. The study adopts a qualitative methodology of a bibliographical nature, articulating the historical-critical analysis of the biblical text with the perspective of an ecological reading of the Bible. In dialogue with the Encyclical *Laudato Si* and the Social Doctrine of the Church, it is highlighted that creation participates in the divine manifestation and constitutes a space of encounter between God, humanity, and nature. It concludes that the theophanies of the Tabernacle can be understood as an expression of an integrated theology of creation, in which the divine presence manifests itself within the created world.

Keywords: Exodus; Theophany; Tabernacle; Ecological Hermeneutics; Theology of Creation.

* E-mail: kalilchaaban@bol.com.br

Introdução

O Pentateuco, também conhecido como a Lei ou Torá, composto pelos livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, constituem a base da fé e da identidade do povo de Israel, neles encontramos desde a criação do mundo a história dos patriarcas, passando pela libertação do povo hebreu da escravidão no Egito, até a organização religiosa, social e jurídica da comunidade.

Entre esses livros, o Êxodo ocupa lugar central ao narrar a ação libertadora de Deus, que, por meio de Moisés, conduz o povo para fora do Egito, estabelece a Aliança no Sinai e entrega a Lei, revelando-se como Deus próximo, salvador e fiel, fundamento da experiência religiosa de Israel.

A partir dessa experiência que as teofanias se constituem em um elemento importante da experiência religiosa de Israel. O termo teofania refere-se às manifestações visíveis da presença divina na história. No Antigo Testamento essas manifestações frequentemente ocorrem por meio de fenômenos naturais: como nuvens, fogo ou tempestades.

No livro do Êxodo, a presença de Deus manifesta-se inicialmente por meio da sarça ardente (Ex 3) e posteriormente por meio da coluna de nuvem e da coluna de fogo (Ex 13,21-22; 14,19-20; 14,24; 40,34-38) que acompanham o povo no deserto. Esses elementos expressam a presença de Deus no Tabernáculo e sua ação na história, Deus como guia no caminho, Deus como proteção contra os inimigos.

A teologia bíblica tem interpretado essas manifestações como sinais da presença ativa de Deus no meio de seu povo (Von Rad, 2006), (Brueggemann, 2014). Esses autores destacam que o Êxodo apresenta uma narrativa na qual Deus não permanece distante da criação, mas intervém na história para conduzir e orientar seu povo.

Além da teologia bíblica clássica, a hermenêutica ecológica tem contribuído para novas leituras dos textos bíblicos. Essa abordagem enfatiza que a criação participa da revelação divina e que os elementos naturais presentes nas narrativas bíblicas possuem significado teológico (Grenzer; Fernandes, 2023, p. 3).

Através da hermenêutica ecológica desenvolve-se uma abordagem interpretativa que busca ler os textos bíblicos à luz da relação entre Deus, ser humano e criação.

Tal interpretação enseja uma responsabilidade ética de cuidado com o meio ambiente. Apesar de ser uma leitura atual, não podemos deixar de observar que esta chave de leitura está profundamente enraizada na própria tradição bíblica (Habel, 2000).

A interpretação à luz da ecologia permite uma leitura bíblica a partir, por exemplo, da crise ambiental atual (Francisco, 2015), além disso, podemos superar de uma vez por todas, as interpretações que legitimaram a exploração da natureza, e, por fim, ter clara a visão que a criação é um ato de amor, boa, querida e sustentada por Deus. A Criação como boa (Gn 1-2), a Aliança com toda a Criação (Gn 9), a justiça que inclui toda a natureza (Lv 25) são fundamentos bíblicos que sustentam a hermenêutica ecológica.

A presente pesquisa caracteriza-se como estudo qualitativo de natureza bibliográfica. O método adotado integra três perspectivas principais: (a) Análise histórico-crítica do texto bíblico; (b) Interpretação teológica das teofanias; (c) Diálogo com a hermenêutica ecológica.

A análise concentra-se nos capítulos 25 a 40 do livro do Êxodo, que descrevem a construção do Tabernáculo e a manifestação da Glória divina que repousa sobre ele.

Serão examinados os símbolos teológicos presentes no texto, como a nuvem, o fogo e a Glória divina, bem como a função narrativa bíblica.

Além disso, o estudo estabelece diálogo com as reflexões teológicas contemporâneas sobre a criação, especialmente aquelas presentes na encíclica *Laudato Si*, que enfatiza a interconexão entre todas as criaturas.

O contexto histórico do Santuário descrito em Ex 25–40 remonta uma experiência fundante do povo de Israel com a saída do Egito e a travessia do deserto. O povo é apresentado como seminômade, sem território fixo, o que justifica um santuário móvel. O texto nos apresenta práticas culturais, que remetem a povos do Antigo Oriente como os medianitas e os beduínos antigos, que também possuíam tendas sagradas para suas divindades, segundo Mircea Eliade (1998) e Roland de Vaux (2003).

Sendo a redação final provavelmente no período exílico ou pós-exílio, o texto projeta no passado (tempo de Moisés) uma teologia cultural organizada, típica de um período posterior. A leitura do Pentateuco em chave histórico-crítica permite compreender suas narrativas não como relatos imediatos do tempo de Moisés, mas como fruto de um processo complexo de elaboração literária e teológica. Nesse horizonte, Grenzer e De Paula (2020), propõe uma abordagem linguístico-literária e histórico-teológica, segundo a qual texto bíblico deve ser entendido como literatura religiosa que interpreta a experiência da fé de Israel e a comunica ao seu ouvinte-leitor. Como afirma o autor, a narrativa bíblica, como literatura religiosa, propõe ao seu ouvinte-leitor, uma compreensão teológica. Tal perspectiva, evidencia que a forma final do texto resulta de releituras sucessivas, nas quais as tradições antigas foram reinterpretadas à luz de novos contextos históricos.

O artigo (Grenzer; De Paula, 2020) se coloca em diálogo com a tradição inaugurada por Julius Wellhausen e desenvolvida por autores como Erhard Blum, pode-se afirmar que muitas dessas releituras se consolidaram durante o período exílico e pós-exílio, quando Israel, diante da crise da deportação e da necessidade de reconstrução identitária, projetou teologicamente suas instituições, leis e memórias fundantes no passado mosaico, conferindo-lhes autoridade normativa e caráter originário.

O cerne teológico do Santuário no livro do Êxodo está na presença divina que acompanha o povo e não está fixada a um território: “Farão um santuário para mim, e habitarei no meio deles” (Ex 25,8). A presença divina que acompanha o povo no deserto, está na revelação de um Deus que não permanece distante ou restrito a um espaço fixo, mas que caminha com seu povo na história, assumindo uma presença ao mesmo tempo real e misteriosa. A chamada “Tenda da Reunião” ou Santuário móvel expressa essa dinâmica. Deus escolhe habitar no meio de Israel (Ex 25,8), não como contenção espacial, mas como sinal de proximidade, aliança e guia. A presença divina manifesta-se de forma sensível na nuvem e no fogo, símbolos da transcendência que, paradoxalmente, se tornam sinais de condução concreta no caminho (Ex 13,21-22).

Teologicamente, isso revela três dimensões fundamentais. Primeiro, uma presença relacional: Deus está com o povo porque estabeleceu uma Aliança, e sua permanência no acampamento depende da fidelidade a essa relação. Em segundo lugar, temos uma presença mediada e cultural: o acesso a Deus se dá por meio de mediações, o santuário, o culto, a figura de Moisés, indicando que o Deus próximo continua sendo uma presença peregrina e dinâmica, diferente dos templos fixos das culturas vizinhas, o Deus de Israel não está vinculado a um território, mas acompanha um povo em movimento, o que fundamenta uma teologia histórica da salvação (Brueggeman, 2014, p. 234).

Assim, o santuário do deserto não é apenas um espaço litúrgico (Childs, 2004, p. 543), mas um sinal sacramental da presença ativa de Deus, que guia, protege e forma seu povo ao longo do caminho. Essa compreensão será posteriormente aprofundada na tradição bíblica, influenciando tanto a teologia do Templo em Jerusalém, quanto releituras posteriores que enfatizam a presença de Deus no meio da comunidade e da história.

Surgem os elementos simbólicos e naturais no Tabernáculo: madeira de acácia, ouro, prata, tecidos, peles de animais, óleo, incenso e especiarias. A natureza não é apenas recurso, mas mediadora da presença divina, como podemos observar em diversos relatos bíblicos, entre eles, a criação é ordenada pela palavra divina (Gn 1); o jardim do Éden como lugar de comunhão entre Deus e o ser humano (Gn 2-3); Deus se manifesta no fogo que não consome (Ex 3, 1-6);

a abertura do mar, a natureza coopera com a ação salvífica (Ex 14); Deus pede ofertas do povo para construir o Santuário: ouro, prata, bronze, madeira de acácia, linho, peles, óleo e pedras preciosas (Ex 25, 1-9).

A rica combinação de elementos naturais e simbólicos que expressam de forma teológica, a presença de Deus no meio do povo, também está presente na *Laudato Si*, segundo o Papa Francisco (2015, n. 85), “toda a criação possui um caráter simbólico que remete ao Criador”. Portanto, tudo o que vem da natureza (criação) não são apenas elementos disponíveis no ambiente do deserto, mas carregam significados: a madeira resistente e durável, sugere a estabilidade; os metais preciosos indicam a santidade e a dignidade do espaço; os tecidos cuidadosamente trabalhados apontam para a beleza e a ordem do cosmos.

Há também uma estrutura simbólica do Tabernáculo como um microcosmo da criação, onde o espaço é separado e organizado progressivamente evocando a ordem criacional: O Santo dos Santos a presença divina, portanto o céu; O espaço intermediário, a ordem do cosmo; O átrio que é o mundo habitado (Von Rad, 1973), (Brueggmann, 2014).

A leitura histórico-crítica mostra que o texto do Tabernáculo é fruto de uma elaboração teológica posterior, mas profundamente enraizada na experiência de fé de Israel. Diversos estudiosos apontam que as minuciosas prescrições sobre o santuário (Ex 25–31; 35–40) refletem um grau elevado de organização litúrgica, sacerdotal e simbólica mais compatível com períodos posteriores, especialmente o contexto monárquico e até pós-exílio, quando o culto já estava mais estruturado em torno do Templo. Nesse sentido, Brevard S. Childs (2004), observa que a forma final do texto, deve ser interpretado teologicamente dentro do cânon, enquanto Gerhard Von Rad (2006) associa essas tradições à atuação de círculos sacerdotais que reinterpretaram o passado à luz das necessidades culturais de Israel.

A hermenêutica ecológica, em diálogo com a *Laudato Si* nos permite não uma descoberta, mas uma redescoberta, que ratifica a sacralidade da criação, que afirma a presença de Deus no mundo concreto, e, sobretudo, sobre a responsabilidade humana no cuidado com a “casa comum”. Ambas buscam reler os textos das Escrituras à luz da crise socioambiental contemporânea, destacando a relação intrínseca entre Deus, o ser humano e a criação. Assim, a criação não é mero cenário da ação humana, mas participante da história da salvação. Especialmente, o Pentateuco, sobretudo o livro do Êxodo, revela uma visão na qual a terra, os animais e os elementos naturais estão inseridos na Aliança Divina, sendo destinatários do cuidado e da justiça de Deus (Grenzer; Gross, 2019).

As Teofanias no Templo itinerante

A narrativa da construção do Tabernáculo representa um momento central da experiência religiosa de Israel. Deus ordena a Moisés que construa um santuário para que Ele habite no meio do povo (Ex 25,8). O Tabernáculo era composto por diferentes elementos litúrgicos, como a arca da aliança, o altar, o candelabro e a mesa dos pães da proposição. Cada elemento possuía significado teológico específico e contribuía para expressar a santidade da presença divina.

A necessidade do santuário móvel no contexto do povo de Israel está profundamente ligada à sua condição histórica de peregrinação e à experiência de um Deus que caminha com seu povo. Aqui retomamos o cerne teológico do Santuário (Ex 25,8) “Farão para mim um santuário, e eu habitarei no meio deles” – o Tabernáculo surge como resposta à necessidade de tornar concreta e visível a presença divina em meio à instabilidade do deserto. Não se trata apenas de um espaço cultual, mas de um lugar de mediação, onde o povo pode encontrar Deus, organizar sua vida religiosa e reafirmar sua identidade como comunidade eleita.

O ponto culminante da narrativa ocorre em Ex 40,34, quando a nuvem “עָנָן”¹ cobre a Tenda da Reunião “אֹהֶל מוֹעֵד” e a Glória “כְּבוֹד” do Senhor enche o Tabernáculo “מִשְׁכָּן”, estamos assim diante das teofanias.

O estudo das teofanias no chamado Templo Itinerante, o Tabernáculo descrito no livro do Êxodo, permite compreender como a tradição bíblica articula a presença de Deus em meio ao povo por meio de mediações sensíveis e simbólicas. Nesse contexto, a manifestação divina não ocorre de forma abstrata, mas se dá através de sinais concretos, como a nuvem, o fogo, a Glória e os elementos cultuais que compõem o santuário móvel (Ex 25–40).

Tais teofanias expressam uma teologia da proximidade: o Deus de Israel não permanece distante, mas “habita” “שָׁכַן” no meio do povo em sua caminhada histórica. Ao mesmo tempo essa presença é cuidadosamente mediada por estruturas, ritos e materiais provenientes da criação, indicando que o espaço do Tabernáculo se configura como lugar privilegiado de encontro entre o divino e o humano. Assim, as teofanias no Templo Itinerante revelam não apenas a transcendência de Deus, mas também sua decisão de se tornar acessível na história, mediante sinais visíveis que integram a experiência religiosa de Israel.

¹ עָנָן (nuvem) esse vocábulo, de modo especial no livro do Êxodo, representa a presença do Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Se por um lado, essa manifestação encontra traços de visibilidade, por outro, ela continua velada. Com isso, essa “nuvem” guiou, protegeu e marcou o lugar da revelação. Veja 1RS 8,10-11, essa nuvem é a mesma “por causa da nuvem, porque a glória do SENHOR” (הָעֶנָן כִּי-מְלֵא כְבוֹד-יְהוָה) que encheu o Templo construído pelo Rei Salomão.

Essa manifestação divina constitui uma teofania que expressa simultaneamente proximidade e mistério. Deus torna-se presente no meio do povo, mas sua presença permanece envolta em simbolismo e transcendência.

A presença de Deus na nuvem e no fogo durante a travessia do deserto (Ex 13,21-22), revela um Deus que caminha com seu povo de maneira concreta e contínua. A coluna de nuvem “בְּעָנָן” durante o dia oferecia sombra, orientação e proteção diante das adversidades do deserto, enquanto a coluna de fogo “בְּעָמֹד אֵשׁ” à noite iluminava o caminho que aquecia na escuridão, simbolizando a vigilância permanente de Deus. Esses sinais não são apenas manifestações extraordinárias, mas expressam proximidade divina que guia, sustenta e conduz Israel rumo à liberdade, tornando visível a fidelidade de Deus à sua promessa e convidando o povo a confiar plenamente em sua presença providente.

A nuvem e a coluna de fogo, descritas no livro do Êxodo (Ex 13,21-22; 40,34-38), constituem uma das mais densas expressões teológicas da presença de Deus no meio de Israel, manifestam simultaneamente sua transcendência e imanência. A nuvem ao velar, preserva o mistério de Deus, impedindo sua redução a uma realidade manipulável; a coluna de fogo ao iluminar, revela sua ação orientadora e salvadora, especialmente nas trevas da noite. Além disso, esses elementos naturais assumem função simbólica e cultural ao se associarem ao Tabernáculo, assim, a nuvem e o fogo se configuram uma teofania dinâmica, ao mesmo tempo próxima e envolta em mistério.

A arca é lugar privilegiado da manifestação divina, Deus entronizado entre os querubins, que assim como a Glória de Deus representam mediações simbólicas. Já a tenda e a montanha, por exemplo, são espaços sagrados e teofânicos.

No horizonte do Êxodo, Deus é apresentado como aquele que habita entre os querubins sobre a arca da aliança (Ex 25,18-22), sinalizando sua realeza e proximidade mediada, pois seu trono não é acessível diretamente, mas envolto em sacralidade. Essa presença se manifesta como Glória divina, que enche a tenda “וַיִּכְבֹּד יְהוָה מְלֵא אֶת-הַמִּשְׁכָּן” (Ex 40,34-35), tornando-a espaço teofânico por excelência, onde o invisível se torna sensivelmente percebido sem perder sua transcendência.

Ao mesmo tempo a montanha – especialmente o Sinai (Ex 19) – configura-se como o primeiro grande espaço de revelação, onde Deus desce em meio ao fogo, nuvem e tremor, estabelecendo a aliança com o povo.

A tenda, por sua vez, prolonga essa experiência no cotidiano da caminhada, funcionando como uma “montanha portátil” onde a mesma Glória que se manifestou no alto do monte passa a habitar no meio do acampamento.

Assim, querubins, Glória, tenda e montanha compõem uma teologia integrada do espaço sagrado, na qual Deus se revela como rei entronizado, ao mesmo tempo transcendente e presente, escolhendo habitar em meio ao seu povo por meio de mediações simbólicas e teofânicas.

As Teofanias e a Teologia Ecológica

A teologia ecológica contemporânea busca recuperar a dimensão cósmica da revelação divina presente nas Escrituras. A criação pode ser contemplada como Palavra viva de Deus, pois antes mesmo de qualquer escrita, o próprio Deus se comunica por meio de tudo o que existe. Como afirma o livro do Gênesis, Deus cria pela palavra – “disse Deus e tudo foi feito” “כִּי הוּא אָמַר וַיְהִי הוּא-צִוָּה וַיַּעֲמֵד” (Sl 33,9) – revelando que o universo é fruto de um querer amoroso e comunicativo. Nesse sentido a criação não é apenas cenário da revelação, mas ela mesma é linguagem divina: cada ser, cada elemento da natureza, torna-se sinal que fala do Criador

Em diálogo com essa perspectiva, o Salmo 19 proclama que “os céus narram a glória de Deus”, indicando que toda a realidade criada possui uma dimensão simbólica e sacramental, capaz de conduzir o ser humano à escuta de Deus que continua a falar silenciosamente na harmonia, na beleza e na ordem do mundo criado. Portanto, as teofanias bíblicas, enquanto manifestações sensíveis da presença de Deus na história, oferecem um horizonte fecundo para o diálogo com a teologia ecológica contemporânea.

A Igreja no Brasil se mostra atenta e preocupada com a ecologia e a teologia, tanto que o tema da Campanha da Fraternidade de 2025 foi: “Fraternidade e Ecologia Integral” e o lema “Deus viu que tudo era muito bom” (Gn 1,31). A campanha evidencia a organização pastoral de uma intuição profundamente enraizada na Escritura: Deus se manifesta na história por meio da criação e convoca o ser humano a uma resposta ética diante dela. Fomos convidados a uma conversão ecológica e ao compromisso com o cuidado a casa comum, articulando fé e responsabilidade socioambiental. Assim, a experiência bíblica das teofanias ilumina o chamado pastoral da Igreja no Brasil, indicando que cuidar da criação é também reconhecer e respeitar o espaço onde Deus continua a se manifestar e a interpelar a humanidade.

Retomemos os relatos do Êxodo e de outras tradições veterotestamentárias, para evidenciar que Deus se revela por meio de elementos da criação (Ex 13,21; Ex 19, 16; Ex 19, 18; Ex 40,34) – fogo, nuvem, vento, montanha, água – indicando que a natureza não é mero cenário, mas mediação ativa do encontro com o divino.

Assim ao estabelecer um paralelismo entre as teofanias e a teologia ecológica, reconhece-se que a experiência bíblica da presença divina mediada pela natureza ilumina uma

visão na qual o mundo criado participa do mistério de Deus, convidando o ser humano a uma relação de reverência, cuidado e contemplação diante da realidade criada.

A encíclica *Laudato Si* propõe uma visão integral da criação, afirmando que todas as criaturas estão interligadas em uma rede de relações. A natureza não é apenas cenário da história da salvação, mas participa do projeto divino.

A mesma percepção de que a natureza participa ativamente da revelação e da presença de Deus, é retomada pelo Papa Francisco ao afirmar que “o universo inteiro é uma linguagem do amor de Deus” (*LS*, n. 84), reconhecendo na criação uma dimensão sacramental.

Assim, as teofanias bíblicas podem ser compreendidas como fundamento simbólico de uma teologia ecológica, pois evidenciam que Deus escolhe comunicar-se através do mundo criado. Desse modo, a leitura contemporânea proposta pela *Laudato Si* não rompe com a tradição, mas a aprofunda, ao convidar a redescobrir a natureza como espaço de revelação, encontro e responsabilidade ética, onde o ser humano é chamado não ao domínio absoluto, mas ao cuidado reverente diante de uma criação, que manifesta e participa do mistério de Deus.

A teofanias no templo Itinerante no contexto da hermenêutica ecológica nos permite a percepção de que a presença de Deus não se limita a um espaço construído, mas se manifesta em profunda relação com a criação, a história e o povo. O pensamento de Abraham Joshua Heschel destaca fortemente que Deus não pode ser confinado a um espaço físico ou a uma construção humana, como um templo ou santuário. Ele afirma que, mais do que santificar lugares, a tradição bíblica revela um Deus que santifica o tempo, tornando-o espaço privilegiado de encontro. Enquanto as religiões antigas tendiam a fixar o divino em locais sagrados, a fé bíblica aponta para um Deus que transcende qualquer delimitação espacial e se faz presente na história, na vida e na experiência do povo (Heschel, 2004). Assim o verdadeiro santuário não é apenas um edifício, mas o tempo vivido na fidelidade da Aliança – especialmente no sábado, que se torna um “palácio no tempo”, onde o ser humano encontra Deus não por meio de um espaço, mas pela abertura à sua presença viva e livre.

A hermenêutica ecológica, desenvolvida por autores como Norman C. Habel, propõe uma releitura dos textos bíblicos que reconhece a Terra e os elementos naturais como sujeitos dentro do horizonte teológico, superando interpretações antropocêntricas restritivas. Essa abordagem permite compreender as teofanias como eventos nos quais a criação não apenas serve ao ser humano, mas está integrada na dinâmica da revelação divina (Habel, 2000).

Assim, a partir desta releitura, a montanha do Sinai, por exemplo, não é apenas o local onde Deus se manifesta, mas torna-se ela mesma participante da teofania, tremendo, fumegando

e sendo envolvida pela presença divina (Ex 19, 18), o que evidencia uma dimensão cósmica da revelação.

Mathias Grenzer em seu artigo: *A bondade de Deus no Templo*, nos apresenta a ideia de que o Templo, na tradição bíblica é um lugar teológico onde se manifesta a bondade de Deus, citando o Salmo 65,12.²

Desse modo, o diálogo entre teofanias e hermenêutica ecológica conduz a uma reconfiguração do olhar teológico: a criação deixa de ser compreendida como objeto de domínio e passa a ser reconhecida como espaço de revelação e encontro. Essa releitura não apenas enriquece a exegese bíblica, mas também oferece fundamentos para uma espiritualidade ecológica, na qual o cuidado com a terra se torna expressão concreta da fé em um Deus que se manifesta e se deixa encontrar no coração da criação, e aqui mais uma vez encontramos consonância com a *Laudato Si*.

Os elementos teofânicos, como a nuvem que cobre a Tenda, a glória do Senhor que enche o Tabernáculo, o fogo que guia o povo à noite, não são elementos abstratos, mas fenômenos naturais carregados de sentido teológico. Essa compreensão permite afirmar que os elementos teofânicos possuem uma função reveladora e pedagógica para o povo, revelam dimensões do próprio agir divino.

Segundo Girard (1997) os elementos teofânicos são compreendidos como mediações simbólicas por meio das quais Deus se manifesta na experiência humana, especialmente no contexto da tradição bíblica e litúrgica. Para o autor esses elementos revelam um Deus que se comunica por meio da criação, tornando-a portadora de sentido e espaço de encontro.

Nessa perspectiva, as teofanias do Êxodo (3,2-6; 13,21-22; 14,19-24; 16,10; 19,16-20; 24,15-17; 33,18-23; 40,34-38), podem ser interpretadas como sinais da presença de Deus na criação. A nuvem e o fogo, por exemplo, não são apenas fenômenos extraordinários, mas símbolos que revelam a relação entre Deus e o mundo criado (Girard, 1997).

A natureza assim não é apenas cenário, mas lugar teológico, a nuvem é sinal de mistério, proteção e transcendência, o fogo sinal de energia, purificação, presença ativa e o deserto espaço de encontro e não de ausência.

O Tabernáculo pode ser interpretado como um microcosmo da criação, no qual elementos naturais são integrados ao espaço sagrado e o ser humano como criatura é colocado por Deus no interior da ordem criada, com uma função específica de domínio responsável e de

² A expressão “tu coroas o ano com a tua bondade” (Sl 65, 12) indica que a ação de Deus não se limita ao espaço cultural do Templo, mas se manifesta na fecundidade da terra e no ciclo da vida que sustenta toda a criação.

mediação, inserido na totalidade da criação, recebendo a missão de cuidar, organizar e representar essa ordem diante de Deus (Von Rad, 2006). A estrutura ordenada também reflete a ordem da criação conforme Gn 1.

O uso dos materiais naturais, como a madeira, tecidos e o ouro, por exemplo, representam essa relação do natural com o divino, por fim o culto integra a eleva a criação (Eliade, 1992; Girard, 1997; Von Rad, 2006). A mobilidade do Tabernáculo indica que Deus caminha com seu povo, não tem presença fixa, evitando o domínio humano sobre Deus e o espaço, ou seja, o ser humano não controla Deus.

Nesse sentido, a criação inteira permanece como lugar aberto da manifestação divina. Em síntese, a articulação entre as teofanias bíblicas e a teologia ecológica revela uma compreensão integrada da criação como espaço privilegiado da autocomunicação divina e, ao mesmo tempo, como realidade portadora de valor teológico próprio.

Considerações Finais

A análise das teofanias presentes em Ex 25–40 permite compreender de maneira mais profunda a relação entre Deus, o povo de Israel e o mundo criado.

A reflexão desenvolvida ao longo deste estudo permite reconhecer que as teofanias associadas ao santuário, particularmente no contexto do Êxodo, constituem um dos núcleos mais densos da teologia bíblica da presença divina. Longe de se apresentarem como manifestações isoladas ou meramente extraordinárias, tais teofanias revelam uma estrutura simbólica consistente, na qual Deus se comunica por meio de elementos da criação, assumindo-os como mediações de sua autocomunicação.

A nuvem, o fogo, a Glória, a tenda e mesmo os materiais naturais empregados na construção do Tabernáculo, convergem para uma mesma intuição fundamental: Deus escolhe habitar no meio de seu povo, fazendo da criação o espaço de manifestação.

Nesse sentido, o santuário não pode ser compreendido apenas como uma construção cultural ou institucional, mas como um verdadeiro lugar teofânico, onde a presença divina se torna sensível e experimentável. A tenda do encontro, móvel e inserida na dinâmica da peregrinação, expressa uma teologia da proximidade

A análise dos elementos teofânicos evidencia ainda que a natureza desempenha papel constitutivo na revelação. A nuvem que envolve, o fogo que ilumina, a montanha que eleva, o vento que vivifica, todos esses elementos não apenas acompanham a manifestação de Deus, mas tornam-se linguagem teológica por meio da qual o mistério divino se comunica.

E aqui é muito oportuno e importante salientar que essa mediação não reduz Deus à criação, mas que, ao contrário, revela a capacidade da criação de participar, de forma simbólica e real, do evento da revelação. Assim a distinção entre Criador e criatura permanece preservada, ao mesmo tempo, em que se pode afirmar uma profunda relação entre ambos.

A encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco, é um marco na hermenêutica ecológica da Bíblia, pois além de dialogar com essa abordagem, a orienta pastoralmente e nos apresenta o conceito da ecologia integral, meio ambiente, vida social, economia e espiritualidade, tudo está interligado, e de tal modo, que a *Laudato Si* e a hermenêutica ecológica apontam que a crise ambiental atual também é uma crise moral e espiritual.

A partir dessa perspectiva, torna-se possível afirmar que a teologia das teofanias possui implicações éticas e espirituais profundas para o contexto contemporâneo. Se a criação é lugar de manifestação de Deus, então ela não pode ser reduzida a objeto de exploração ou domínio absoluto. Ao contrário, deve ser reconhecida em sua dignidade própria, como realidade que participa do mistério divino e que, por isso, exige respeito, cuidado e responsabilidade.

A crise ecológica atual, marcada pela degradação ambiental e pela ruptura das relações entre ser humano e natureza, interpela a teologia a recuperar essa dimensão esquecida da tradição bíblica.

A Campanha da Fraternidade de 2025, retomou a centralidade do cuidado com a criação, inseriu-se profundamente no horizonte da teologia ecológica, que compreende o mundo criado como dom de Deus e espaço de revelação. Em sintonia com a encíclica *Laudato Si*, a campanha reforça a noção de ecologia integral, na qual a crise ambiental está inseparavelmente ligada às dimensões sociais, econômicas e espirituais. Assim, a reflexão proposta não se limita à preservação da natureza, mas convida à conversão ecológica, reconhecendo que a relação com Deus passa também pelo respeito à Terra e à vida em todas as suas formas. Desse modo, a criação deixa de ser vista apenas como recurso e passa a ser acolhida como casa comum, onde se manifesta a presença amorosa do Criador e se exige do ser humano uma responsabilidade ética e solidária.

A superação dessa crise encontra profunda ressonância na Doutrina Social da Igreja, na medida em que esta propõe uma visão integrada da pessoa humana, da sociedade e da criação. Conforme o Pontifício Conselho Justiça e Paz, “a pessoa humana deve ser considerada na sua totalidade, em todas as suas dimensões, incluindo a dimensão transcendente” (2005, n. 130) o que fundamenta uma visão integrada que abrange também a relação com a criação.

Se, à luz do Êxodo, os elementos naturais são assumidos como mediações da presença divina, então a criação não pode ser compreendida apenas como recurso econômico, mas como

realidade dotada de dignidade e inserida no desígnio salvífico de Deus. Essa perspectiva fundamenta princípios centrais da Doutrina Social da Igreja, como o destino universal dos bens, a responsabilidade pelo bem comum, princípios também amplamente desenvolvidos na *Laudato Si*.

Além disso, a Doutrina Social da Igreja (n. 193) insiste na centralidade da dignidade humana e na solidariedade, princípios que se ampliam, na perspectiva ecológica, para incluir a responsabilidade pelas gerações futuras e pela integridade da criação. A leitura das teofanias como manifestações de Deus mediadas pela natureza contribui para superar uma visão utilitarista do mundo, promovendo uma ética do cuidado que reconhece a criação como dom e tarefa.

A hermenêutica ecológica, por sua vez, ao dialogar com as teofanias, oferece, assim, um caminho de renovação da compreensão da revelação e da espiritualidade cristã. Ela convida a redescobrir o mundo criado como espaço de escuta e contemplação, onde Deus continua a se manifestar de maneira discreta, porém real. Essa redescoberta implica uma mudança de paradigma: do domínio à comunhão, da exploração ao cuidado, da indiferença à responsabilidade. Trata-se de uma conversão ecológica que não é apenas ética, mas profundamente teológica, pois se fundamenta na experiência de Deus presente na criação.

Por fim, pode-se afirmar que as teofanias no santuário, lidas à luz da teologia bíblica e da hermenêutica ecológica, em diálogo com a *Laudato Si* e a Doutrina Social da Igreja, revelam uma visão integrada da realidade, na qual Deus, o ser humano e a criação estão intrinsecamente relacionados. O santuário, enquanto lugar da presença divina, torna-se também símbolo de uma criação reconciliada, onde todas as coisas convergem para Deus. Assim, a reflexão teológica sobre as teofanias não apenas ilumina o passado da tradição bíblica, mas oferece chaves interpretativas para o presente, inspirando uma vivência da fé que reconhece, na criação, o espaço contínuo da manifestação e do encontro com o Deus da vida.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**: testemunho, disputa e defesa. São Paulo: Paulus, 2014.

CHILDS, Brevard S. **The Book of Exodus**: A Critical, Theological Commentary. Louisville: Westminster John Knox Press, 2004.

DE VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**: da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

GRENZER, Matthias; DE PAULA, Patrícia Carneiro. **A libertação dos egípcios** (Ex 3,22; 12,36) Interações, Belo Horizonte, 2020.

GRENZER, Matthias; FERNANDES Leonardo Agostini. **Gafanhotos na Bíblia Hebraica**: suas dimensões socioambientais e teológicas. Revista de Cultura Teológica, n. 105, p.1-20.

GRENZER, M., & GROSS, F. (2019). **Leis deuteronomicas favoráveis à preservação de fauna e flora**. *Revista Pistis & Praxis*, 11(3). <https://doi.org/10.7213/2175-1838.11.003.AO04>

HABEL, Norman C. (ed.). **The Earth Bible**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000.

HESCHEL, Abraham Joshua. **O Schabat**: seu significado para o homem moderno. Tradução de Fany Kon e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005.

VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 2006.

WELLHAUSEN, Julius. **Prolegômenos à história de Israel**. Tradução de J. Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 2003